



A poesia de Giovanni Giudici e Laura Accerboni traduzida para o português

Mariangela Ragassi

Università degli Studi di Perugia
Spello, Perugia, Itália
mariangelaragassi@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-7741-973X>

I. Introdução

Com o objetivo de promover a tradução e a difusão da poesia italiana nos países lusófonos, em 2024 aconteceu a primeira edição de *M'illumino d'immenso*, Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratorio Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma. De fato, embora essa tenha sido a primeira edição em língua portuguesa, o prêmio *M'illumino d'immenso* foi criado em 2018 por Barbara Bertoni (Itália), Vanni Bianconi (Suíça) e Fabio Morábito (México), graças ao suporte do Instituto Italiano de Cultura da Cidade do México. O grande número de participantes de língua espanhola impulsionou os organizadores a ampliarem o certame a tradutores de língua árabe e portuguesa, levando também à introdução de uma nova modalidade: a tradução para o italiano de poesias de autores de língua espanhola.

Nessa última edição, os poemas propostos aos concorrentes para a tradução em português foram “Gli abiti e i corpi” do poeta italiano Giovanni Giudici, publicado pela primeira vez em 1977 pela editora Mondadori na coletânea *Il male dei creditori* (Giudici, 1977), e “Cnidaria” da poetisa ítalo-suíça Laura Accerboni, incluído na obra *Il prima e il dopo dell'acqua*, publicada em 2024 pela editora Einaudi (Accerboni, 2024). Participaram do concurso 55 concorrentes de 4 países: Brasil, França, Itália e Portugal. O júri formado por Prisca Agustoni (Suíça), Barbara Bertoni (Itália), Pedro Eiras (Portugal) e Emanuel França de Brito (Brasil) declarou como vencedora desta edição a tradutora brasileira Mariangela Ragassi e concedeu também menções honrosas a Valentina Cantori e Adriana Marcolini.

A tradutora, Mariangela Ragassi, nasceu e cresceu no interior de São Paulo. Graduou-se em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1998, e trabalhou como designer e professora. Em 1997, recebeu da editora Melhoramentos o prêmio Uma Professora Muito Maluquinha. Desde 2006 vive na Itália, onde é tradutora e graduou-se em Línguas e Culturas

Estrangeiras na Università degli Studi di Perugia (UNIPG). Como escritora, participou de publicações coletivas de contos e poesias, sendo a mais recente a antologia de contos *Antropocenas* (Purvin, 2024). Em 2004, foi premiada no Mapa Cultural Paulista com o conto “Lucicleide na Janela” e, em 2015, publicou o romance *Memorial das Flores* (Ragassi, 2015).

2. Sobre os autores e suas obras

Para a primeira edição do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, os organizadores escolheram textos de dois escritores provenientes da mesma região da Itália, a Ligúria, embora pertencentes a gerações diferentes.

Giovanni Giudici foi um poeta e jornalista nascido no ano de 1924 em Portovenere, uma pequena cidade litorânea da província de La Spezia. Ele teve uma infância atribulada: tornou-se órfão de mãe aos três anos de idade e passou por privações econômicas que obrigaram seu pai a transferir-se com a família para Roma em busca de novas oportunidades. Em 1935, o pequeno Giovanni foi colocado em um internato, o Pontificio Collegio Pio X, onde residiu por dois anos, até a família ter condições financeiras para recebê-lo de volta. Para dar prosseguimento aos estudos, desde cedo dava aulas particulares, recebendo também o apoio de alguns professores. Não podendo comprar livros, tornou-se um assíduo frequentador da biblioteca municipal e conseguiu concluir o liceu em 1941, inscrevendo-se, sob influência do pai, na faculdade de medicina, que abandonou após o primeiro ano de estudos para ingressar na faculdade de letras. Durante a guerra, engajou-se em movimentos políticos antifascistas e socialistas e, após a libertação da Itália, ingressou no Departamento de Imprensa da Secretaria de Segurança Pública de Roma. Em 1946, publicou a primeira poesia e, em 1947, começou a trabalhar como tradutor e jornalista no Departamento Cultural da Embaixada Americana, onde permaneceu por seis anos, colaborando também com vários jornais e revistas. Em 1956, foi admitido no departamento publicitário de Olivetti em Ivrea, transferindo-se para a sede de Milão em 1958, onde permaneceu até 1979. Em 1965, a Editora Mondadori publicou a sua primeira coletânea de poesias, *La Vita in Versi* (Giudici, 1965), e até o ano de 1999, publicou outras onze coletâneas, constituindo um conjunto caracterizado pela busca de tornar compreensível o sublime, colhendo a poesia presente nos pequenos fatos da quotidianidade e utilizando a linguagem como um ato político, um modo de ocupar um espaço social no qual é possível a sobrevivência da palavra poética. O conjunto da sua obra o levou a ser reconhecido como um dos poetas do século XX de maior expressividade no cenário cultural italiano. De volta à sua terra natal, Giovanni Giudici morreu em 2011, aos 86 anos de idade.

Laura Accerboni é uma poetisa, tradutora e fotógrafa italiana nascida na cidade de Gênova em 1985. Aos 27 anos, transferiu-se para Lugano, na Suíça Italiana e, desde 2019, vive na cidade de Genebra. Graduou-se em Letras Modernas na Universidade de Gênova e concluiu o curso de mestrado em Língua, Literatura e Civilização Italiana na Universidade da Suíça Italiana de Lugano. Em 2010, publicou a sua primeira coletânea de poesias, *Attorno a ciò che non è stato*, pela Edizioni del Leone (Accerboni, 2010), recebendo em 2011 o Prêmio Internacional de Poesia Piero Alinari. Em 2012, recebeu o Prêmio Achille Marazza Opera Prima e, em 2016, publicou sua segunda coletânea, *La parte dell'annegato*, pela Editora Nottetempo (Accerboni, 2016), e foi selecionada para o projeto Versopolis, promovido pela União Europeia. Em 2020 publicou *Acqua acqua fuoco* pela

Editora Einaudi (Accerboni, 2020) e classificou-se como finalista no Prêmio Nacional Elio Pagliarani. Em 2024, publicou a sua quarta coletânea de poesias, *Il prima e il dopo dell'acqua* também pela Editora Einaudi (Accerboni, 2024). Suas poesias, caracterizadas por um olhar cru e sarcástico sobre uma realidade permeada pelo mal e pelo horror presente na natureza e na história, foram publicadas em várias revistas italianas e internacionais e traduzidas em mais de dez línguas.

3. O processo de tradução

O processo de tradução iniciou quando percebi que as imagens suscitadas pelas poesias propostas capturavam a minha atenção e isso fez com que eu decidisse participar do concurso. Eram belas imagens e aquela beleza poderia ser uma chave de leitura. Na sequência, decidi enfrentar as palavras. Ao esmiuçar os elementos que compõem uma poesia sinto desconforto, como se estivesse operando para destruir, desmanchar, descaracterizar a composição, interrompendo a ação de um mecanismo que na sua integralidade é capaz de potencializar cada uma das partes de forma a torná-las irrepetíveis fora daquele contexto. Para mim, traduzir poesia é um grande desafio porque é muito mais que devolver numa outra língua um determinado conjunto de significados, é preciso medir com muito cuidado o peso e a força de absorção e refração das palavras para recriar interrelações que não roubem do texto a sua densidade. Na recomposição em língua portuguesa, procurei optar por combinações de elementos que pudessem me trazer de volta as mesmas imagens e sensações e, principalmente, o mesmo tom, o mesmo ritmo, o mesmo respiro, conservando o mais possível a estrutura original, numa tentativa de causar poucos danos às relações presentes no texto de partida.

Na composição de Accerboni, as palavras têm uma força enorme, principalmente quando aparecem isoladas e ocupam todo o verso, numa narrativa fragmentada pelo próprio corpo da poesia. Desde a primeira leitura de “Cnidaria”, senti-me transportada para debaixo d’água, num ambiente estranho onde as coisas se movem com leveza e tragicidade, graça e violência. O desencontro das palavras cadencia o ritmo dos movimentos, criando hiatos, espaços, silêncios, distâncias. Ao fazer esta tradução procurei me deixar levar para dentro desse ambiente sem combater o estranhamento que ele me causava, tentando reproduzi-lo em português. Diante da importância da estrutura desenhada para o poema, não senti que havia espaço para liberdade de interpretação ou reconstrução criativa no processo de tradução.

Para a tradução de “Gli abiti e i corpi”, procurei conhecer melhor o trabalho de Giovanni Giudice a fim de entender o contexto no qual o texto estava inserido quando foi publicado pela primeira vez, o que foi importante para a interpretação de algumas passagens, como o último verso do fragmento do poema proposto para tradução e que se refere também ao título da obra na qual o poema se insere: *Il male dei creditori*. Refleti bastante a respeito do que o autor estaria querendo dizer com a palavra “male”. Seria uma maldição ou uma doença? Para resolver esse impasse, considerei o fato de que é possível identificar na obra de Giudice um tom autobiográfico, o que coloca o autor como narrador de fatos de um quotidiano vivido por ele e relembrado através do olhar da criança que um dia ele foi e que espiava o próprio pai em seus movimentos nos quais se insinuava uma lenta decadência que o consumia como um mal que nasce de dentro, uma espécie de doença endógena, uma fraqueza humana que se alia ao tempo num processo de degradação progressiva do corpo e da alma em contraste com a integridade perene das coisas inanimadas, como



as roupas que envolvem o corpo nas várias fases da vida e permanecem como testemunhas – e às vezes relíquias – depois da morte.

Outro ponto interessante - e que ocupou a minha mente por alguns dias – foi a tradução da palavra *ringocondiva*. Depois de tentar encontrá-la em dicionários e em citações impressas ou digitais e não encontrar nada além de referências ao próprio Giovanni Giudice, conclui que poderia ser mais um dos seus neologismos. Neste caso também foi útil conhecer um pouco sobre a obra e o fazer artístico do autor e saber que ele foi um hábil criador de neologismos como *sbinariato*, por exemplo, que significa literalmente *uscito dai binari* (saído dos trilhos). E então apareceram algumas questões como: o que o autor queria dizer com o termo *ringocondiva*? No ato da tradução, é importante saber quais eram as “intenções” do autor ou o texto deve bastar por si só? Um texto literário deve ser tratado como um objeto independente do autor e do contexto em que foi criado? Na tradução, é possível existir “fidelidade” ao autor sendo que o tradutor não está isento das influências da sua própria visão sobre o contexto artístico, histórico, político e social do autor? É possível fazer uma tradução que acompanhe o envelhecimento do texto na sua essencialidade para além das suas particularidades lexicais e formais? Enfim, como eu deveria tratar aquele neologismo? Acabei optando pela paráfrase, talvez favorecendo a imagem suscitada pelo encontro das palavras em detrimento do estilo do autor, que em outras situações, como na utilização de enjambements, por exemplo, foi respeitado.

3. “Gli abiti e i corpi”, de Giovanni Giudici, e sua versão em português “Os trajes e os corpos”, traduzida por Mariangela Ragassi

Gli abiti e i corpi

Ormai sfibrate le asole e sapienti
Rammendi qua e là – ma gli abiti
Sembravano come nuovi. Egli
Accurato ogni sera li deponeva
Sopra una sedia – quali
Che fossero l’umore o la stabilità
L’uxorio brontolamento che lo affliggeva.

E deponeva con essi il tic-tac
Che gli scandiva giorni e notti, l’oriolo
Da tasca con una croce
Elvetica in campo rosso – emblema
Di esattezza agganciato a una teca di cristallo
Con dentro una trapunta di velluto
In attesa di reliquie microscopiche.

Gli abiti duravano anni:

Il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce.
E ognuno col suo panciotto sul quale durante il giorno
La catenella che pareva di diamanti
Tra un’asola e l’oriolo nel taschino si stendeva.
Lui certe sere era greve di vino.

Os trajes e os corpos

Casas de botão já carcomidas e engenhosos
Cerzidos aqui e ali – mesmo assim os trajes
Pareciam novos. Ele
Cuidadoso, acomodava-os todas as noites
Sobre uma cadeira – quaisquer
Que fossem o humor ou a estabilidade,
Os murmúrios uxórios que o afliam.

E com eles acomodava também o tique-taque
Que cadenciava seus dias e noites, o relógio
De bolso com uma cruz
Helvética em um campo vermelho - emblema
De precisão acoplado a uma caixa de vidro
Com um acolchoado de veludo por dentro
À espera de relíquias microscópicas.

Os trajes duravam anos:

O preto, o cinzento, um outro com padrão chevron.
E cada um com seu colete em que durante o dia
A corrente que parecia feita de diamantes
Entre uma casa de botão e o relógio no bolso, estendia-se.
Ele, nalgumas noites, saturava-se de vinho.



Si spogliava nel sonno, puntava al mattino.

Ma si destava fresco come certe volte io
Adesso forse più vecchio di quella sua età,
Che lo sbirciavo ritrovare le sue spoglie:
La giacca dignitosa, i pantaloni
Dall'impeccabile piega. E perché
Non dire del fregio rosa sulle mutande?
Perché tacere il colletto inamidato?

Tutto così ringiocondiva a ogni
Risveglio – sbarbato e tranquillo
E di un colore chiaro se distese dal riposo
Sbiadivano sulle guance le venuzze capillari.
Quale decoro l'abito
Rinnovato ogni giorno, restaurato
Dal persistere della giovinezza!

Dico il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce
E un quarto credo ereditato da un parente
Defunto: duravano anni.
Io li spiavo mattina dopo mattina
E lui spiavo impassibile a tutto:
Al passare del tempo,
Al male dei creditori.

Giovanni Giudici (1977)

Despia-se dormindo, adiava tudo para a manhã.

Mas acordava fresco como, às vezes, eu
Agora talvez com mais idade que aquela sua,
Que o espreitava encontrando os seus despojos:
O paletó distinto, as calças
Impecavelmente vincadas. E por que
Não falar do friso rosa no calção?
Por que não mencionar o colarinho engomado?

Assim, tudo se revigorava ledamente a cada
Despertar - barbeado e calmo
E de cor clara quando relaxadas pelo repouso
Esmaeciam nas bochechas as veias diminutas.
Que decoro o traje
Renovado todos os dias, restaurado
Pela persistência da juventude!

Falo do preto, do cinzento, de um outro com padrão chevron
E de um quarto, acredito, herdado de um parente
Falecido: eles duravam anos.
Eu espiava-os a cada manhã
E ele, eu espiava-o impassível a tudo:
À passagem do tempo,
Ao mal dos credores.

Giovanni Giudici em tradução de Mariangela Ragassi

3. Fragmento de “Cnidaria”, de Laura Accerboni, e sua versão em português “Cnidaria”, traduzida por Mariangela Ragassi

Cnidaria (Frammento)

Spazi
prima di tutto
unici colori
abitabili
edificati
in un quasi alto
in una quasi
direzione
non interno
spazi
scivolano
di millimetri
enormi
quanto non possono
schiacciano

Cnidaria (Fragmento)

Espaços
antes de tudo
únicas cores
habitáveis
edificados
num quase alto
numa quase
direção
não interno
espaços
deslizam
milímetros
enormes
quanto não podem
esmagam



Rosso	Vermelho
si riprende	recolhe
le correnti	as correntes
le mangia	come-as
compatto	compacto
appena sopra	logo acima
il bianco	do branco
l'uscita ultima	a saída última
non d'emergenza	não de emergência
piatto	plano
elabora	elabora
parti insignificanti	partes insignificantes
ne fa cumuli	amontoa-as
e poi	e depois
spazi	espaços
Grigio	Cinza
Scorre	Desliza
sale lungo l'uscita	sobe ao longo da saída
una parete	uma parede
l'ha riempita	encheu-a
appeso all'acqua	pendurado na água
al cemento	no cimento
un blocco calmo	um bloco calmo
caldo	quente
grigio	cinza
non lampeggia	não pisca
parla	fala
guide opache	guias opacas
in direzione	em direção
esterno	externo
parla	fala
Giallo	Amarelo
fiorisce	floresce
per meno	por menos
luce	luz
si dirama	ramifica-se
la mangia	come-a
solo quanto basta	só o necessário
sembra nero	parece preto
ripreso	retirado
dall'acqua	da água
giallo	amarelo
ancora spegni	ainda apaga
dicendo	dizendo
Nero	Preto
Stendendosi	Estendendo-se
tutto superficie	todo superfície
piatto	plano

pellicola	película
misurata in corpi	mensurada em corpos
scivolando	deslizando
in metri	em metros
a partire	a partir
dall'alto	de cima
solo per noi	só para nós
angoli	ângulos
uscite	saídas
in trasparenti	em transparentes
strappi	rasgos
Digerita	Digerida
una volta	uma vez
alla seconda	na segunda
è diventata	tornou-se
roccia	rocha
acqua pesantissima	água pesadíssima
a fondo	no fundo
precipitata	precipitada
– masticala	– mastiga-a
Tu	Tu
diceva quello	dizia aquele
in alto	em cima
– corallo	– coral
Pensava	pensava
Ancora	ainda
corallo	coral
Mille tentacoli	Mil tentáculos
e mille bocche	e mil bocas
un'immagine di quiete	uma imagem de calma
bagnate anche le	molhadas também as
ultime case	últimas casas
– non vedi la distruzione? –	– não vês a destruição? –
Chiedo	Pergunto
Non	Não
l'abisso risponde	o abismo responde
srotolandosi	desenrolando-se
ma il pigmento	mas o pigmento
rosso	vermelho
delle alghe	das algas
Siamo	Somos
tra una luce	entre uma luz
e l'altra	e outra
la superficie	a superfície
e la sua rete	e a sua rede

Laura Accerboni (2024)

Laura Accerboni em tradução de Mariangela Ragassi



Referências

- Accerboni, L. (2010). *Attorno a ciò che non è stato*. Edizioni del Leone.
- Accerboni, L. (2016). *La parte dell'annegato*. Nottetempo.
- Accerboni, L. (2020). *Acqua acqua fuoco*. Einaudi.
- Accerboni, L. (2024). *Il prima e il dopo dell'acqua*. Einaudi.
- Giudici, G. (1965). *La Vita in Versi*. Mondadori.
- Giudici, G. (1977). *Il male dei creditori*. Mondadori.
- Ragassi, M. (2015). *Memorial das Flores*. Chiado.
- Ragassi, M. (2024). *O menino*. In G. Purvin (org.), *Antropocenas: contos vencedores do 4º Concurso Literário da Revista PUB Diálogos Interdisciplinares* (pp. 36-50). Terra Redonda.

Notas

Direito de primeira publicação

O poema “Os trajes e os corpos” foi publicado inicialmente pela Editora Einaudi no livro *Il male dei creditori*, de autoria de Giovanni Giudici, em 1977, sob o título “Gli abiti e i corpi”.

O fragmento do poema “Cnidaria” foi publicado inicialmente pela Editora Mondadori no livro *Il prima e il dopo dell'acqua*, de autoria de Laura Accerboni, em 2024, sob o título “Cnidaria”.

Referência dos textos-fonte

- Accerboni, L. (2024). *Il prima e il dopo dell'acqua*. Einaudi.
- Giudici, G. (1977). *Il male dei creditori*. Mondadori.

Autorização de tradução

A autorização para a publicação das traduções das poesias foi previamente concedida no momento em que foram aceitas as condições estabelecidas no Edital do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratorio Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma.

Financiamento

Premiação em dinheiro recebida pela autora das traduções como vencedora do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratorio Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os autores e tradutores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de publicação da tradução em língua portuguesa, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os tradutores, em consenso com os autores, têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria da tradução e publicação em língua portuguesa nesta revista.

Publisher

Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e tradutores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.



Editores de seção

Andréia Guerini – Willian Moura

Revisão de normas técnicas

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

Histórico

Recebido em: 12-05-2025

Aprovado em: 04-06-2025

Revisado em: 06-06-2025

Publicado em: 06-2025

